



Tamara Quirico  
e-mail: tquirico@usa.net

João Vicente Ganzarolli  
de Oliveira

Professor da Escola de Belas  
Artes da UFRJ

## Sobre estética, cegueira e surdez

*My mother's only ray of hope came from Dicken's "American Notes". She had read his account of Laura Bridgman, and remembered vaguely that she was deaf and blind, yet had been educated.*

Helen Keller

**D**ata dos primórdios da civilização ocidental a tendência a considerar a visão e a audição, os sentidos especialmente destinados à percepção da beleza<sup>1</sup>. Como efeito direto dessa tendência, tem-se a divisão das artes em visuais e auditivas. Refiro-me apenas às artes destinadas à manifestação do belo, e essa é uma das diversas modalidades de classificação entre elas: não se trata, pois, de uma separação exclusivista<sup>2</sup>. É nela que me baseio para a discussão do tema que nos une neste artigo. Desse modo, a pintura é classificada como arte visual, por se dirigir aos olhos; analogia feita, a música é tomada como arte auditiva por ser apre-

endida pelos ouvidos. Acrescente-se a isso: qualquer que seja a classificação seguida, é premissa o fato de que a experiência do belo, embora iniciada no plano da sensibilidade, culmina na inteligência racional. O que justifica o ponto de vista de Panécio, a quem se atribui o pioneirismo em esclarecer que a beleza é assunto exclusivamente humano<sup>3</sup>.

A cultura do Ocidente, ao mesmo tempo em que promoveu variações históricas frequentes no conceito de beleza e no modo como as artes são concebidas e classificadas, raras vezes concedeu a devida atenção a uma pergunta de suma importância: se os olhos e os ouvidos são privilegiados

para a experiência estética — e, por consequência, para classificar as artes dedicadas ao belo —, o que dizer das pessoas privadas desses dois sentidos ditos superiores? Acha-se o cego impossibilitado de perceber a beleza plástica, e o surdo, a musical? Tal impossibilidade existiria (e, talvez, de forma irremediável), se a experiência estética dissesse respeito apenas à sensibilidade; e se os únicos órgãos sensórios capazes de perceber a beleza fossem exclusivamente os olhos e os ouvidos<sup>4</sup>.

Ocorre que o tato, em determinadas circunstâncias, pode permitir a um cego a percepção significativa das qualidades plásticas de uma escultura; e a um surdo,

<sup>1</sup>Ver, por exemplo, Platão: Hippi. ma., 298d sq.

<sup>2</sup>Ver a esse respeito Gillo Dorfles. O devir das artes (trad. Baptista Bastos e David de Carvalho), 3ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1988, pp. 52 a 54.

<sup>3</sup>Apud Edgar de Bruyne. Historia de la Estética, (trad. Armando Suárez), Madrid, B.A.C., 1963, v. I, p. 194.

<sup>4</sup>Esse assunto é tratado especificamente em dois artigos publicados na revista Benjamin Constant: "Arte e visualidade: a questão da cegueira", in Benjamin Constant,

**“O homem define-se através da fala, constatou Aristóteles, partindo da premissa de que a comunicação através de conceitos é uma forma privilegiada de manifestação da inteligência.”**

a noção do ritmo e do volume sonoro na música. Além disso, como já foi mencionado, a vivência da beleza não se detém no plano sensorial; cabe à inteligência dar a última palavra quanto ao que é belo ou não. Isso torna-se evidente no caso da literatura, arte de índole fundamentalmente intelectual, na medida em que se manifesta a partir da transmissão de conceitos. Fruto da oralidade, a arte literária dirige-se originariamente aos ouvidos. A literatura escrita, endereçada aos olhos, é posterior. Destinadas aos cegos, as obras em Braille, percebidas pelo tato, são recentíssimas. Como também o é a linguagem de sinais, voltada para a comunicação dos surdos<sup>5</sup>. Podendo ser transmitida através de três sentidos diferentes, a literatura decorre substancialmente da nossa capacidade de falar. Na compreensão do que é dito na fala, radica-se o agrado que caracteriza a arte de combinar esteticamente as palavras.

O homem define-se através da fala, constatou Aristóteles, partindo da premissa de que a comunicação através de conceitos é uma forma privilegiada de manifestação da inteligência. É a mesma idéia que reaparece, sob formas diferentes, em tantos autores.

Cumprido destacar o papel fundamental que teve, no fim da Antiguidade e na Idade Média, em autores como Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha, Rabano Mauro, Remígio de Auxerre e tanto no Renascimento Visigótico quanto no Renascimento Carolíngio, se vistos de forma integral. Já no Renascimento propriamente dito, Dante identifica a palavra como forma unicamente humana de expressão. Isso comprova o valor elevado que se concede à fala na cultura ocidental, e contribui para explicar o estigma da alteridade que se projeta sobre a pessoa incapaz de falar. É a situação com que a pessoa surda frequentemente depara. Pois o dom de falar, como tantos outros, é desenvolvido através da imitação, ligando-se naturalmente à capacidade de ouvir o que as outras pessoas falam.

Tal como se dá com outras formas de deficiência física, a surdez muitas vezes manifesta-se culturalmente sob o estigma da não-aceitação por parte da sociedade em que vive o surdo. Nossa pala-

vra portuguesa “surdo” descende diretamente do latim *surdus*, que por sua vez traduz o termo grego *kophós*, ambos designativos de uma situação dupla: o homem que não escuta e o homem que não é entendido<sup>6</sup>. Na língua grega, o sentido expande-se ainda mais. *Kophós* indica também o entorpecido, passando a significar, depois de Homero, o mudo. Sua origem está no verbo *kopháomai*, referente ao ato de ficar mudo, ser estúpido ou insensível<sup>7</sup>.

Vê-se que a noção pejorativa da surdez encontra-se já nas raízes da cultura ocidental, situação que encontra correspondência no caso da cegueira. “Cego” traduz a palavra grega *tyflós*, que vem do verbo *tyflomai*, relativo a circunstâncias em que o ambiente se acha enfumaçado ou obscurecido. A raiz indo-européia *\*dhub-* transmite a noção de fumaça no sentido literal, aplicando-se também, no sentido figurado, à idéia de obscuridade espiritual. Isso relaciona-se com a carga semântica do termo grego *tyfos*, da mesma família que *tyflós*, que a Patrística

ano IV, nº 10, Rio de Janeiro, setembro de 1998, pp. 7 a 10; “Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência”, in Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 4º, nº 11, março de 1999, pp. 3 a 8. O conteúdo desse segundo artigo foi apresentado sob a forma de palestra no XIV International Congress of Aesthetics, na cidade eslovena de Ljubljana em 3 de setembro de 1998. Agradeço à CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio que me foi concedido para comparecer a esse evento.

<sup>5</sup>Segundo Maria Inês Batista Barbosa Ramos, fonoaudióloga e professora especializada em deficiência auditiva, “o desejo maior entre duas pessoas consiste na comunicação” (“Mãos que comunicam”, in Espaço, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, ano IV, nº 7, junho de 1997, p. 65).

<sup>6</sup>Cf. Alfred Ernout & Antoine Meillet. Dictionnaire étymologique de la langue latine. 3ª ed., Paris, C. Klincksieck, 1951, p. 1182. Como bem observa a Professora Solange Rocha, “Sabemos que a surdez repercute justamente na comunicação do sujeito, no entender e no fazer-se entender” (“A escolarização de pessoas surdas”, in Espaço, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, ano IV, nº 5, 1995/1996, p. 35).

<sup>7</sup>Cf. Pierre Chantraine. Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots, Paris, Klincksieck, 1984, v. I, p. 607.

interpretou como “ vaidade humana ” e “ presunção ”. Convém salientar que *tyflós*, no simples sentido de “cego”, filia-se (através do sufixo —*lós*) a outras palavras gregas que denotam enfermidades: *siflós* (louco); *phaulós* (gago); *cholós* (manco). Pertence ao mesmo desdobramento das fontes indo-européias que deram origem à palavra grega *tyflós*, o termo *toub*, do alemão arcaico, que tanto significa “surdo” como “estúpido”.<sup>8</sup>

Comparando a cegueira e a surdez, Aristóteles afirma que:

(...) entre os homens que nascem privados de um desses sentidos [superiores], os cegos de nascença são mais aptos para a instrução do que os surdos.<sup>9</sup>

Para os dois principais discípulos de Aristóteles, Teofrasto e Aristoxeno, a audição é o sentido mais nobre<sup>10</sup>. É ainda Aristóteles quem diz que a música se acha em relação direta com o ritmo interno da alma; segundo ele, o ouvinte de uma peça musical tende a projetar sobre o mundo visível os sentimentos proporcionados pelo deleite estético durante a audição<sup>11</sup>. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Teofrasto desenvolve a tese de que o ouvido é superior à visão, dado o seu vínculo imediato com a alma<sup>12</sup>. Em sintonia com Teofrasto, Quintiliano afirma que “nada se dirige aos sentimentos a

não ser pelos ouvidos.” No entender de Helen Keller, ensaísta notável e privada de ambos os sentidos superiores, a cegueira constituía a mais grave de todas as suas limitações<sup>13</sup>. O que se ampara mais fortemente na tradição ocidental, que outorga aos olhos a primazia no campo sensorial<sup>14</sup>. Helen Keller, cega e surda, atingia a dimensão estética através de outros meios que não os olhos e os ouvidos: o uso do tato para a leitura em Braile, aliado à inteligência e à espiritualidade, conduz Helen Keller a dizer que

A Bíblia me dá um profundo e confortante senso de que ‘as coisas vistas são passageiras, e as invisíveis são eternas’. (...) Eu sei que há muitas coisas em Shakespeare e no mundo que eu não entendo; e eu estou contente em ver que os véus vão sendo transpostos gradualmente, revelando novos reinos de pensamento e beleza<sup>15</sup>.

Procede da própria fisiologia humana a supremacia da visão quanto às suas potencialidades informativas acerca do mundo: no mínimo 4/5 do material apreendido pela sensibilidade chegam a nós via ocular<sup>16</sup>. Não obstante, sob o prisma cultural, essa superioridade nem sempre é aceita de forma sistemática, como ocorre na cultura do Ocidente. Nas culturas árabe, hebraica e hindu, por exemplo,

o posto principal é às vezes ocupado pela audição. De acordo com Battista Mondin,

(...) a razão desta diversidade pode ser procurada na que vem a ser considerada como fonte suprema da verdade no mundo helênico e no mundo oriental. Para o mundo helênico, a fonte suprema é a natureza, a qual está diante de nós como algo para se contemplar, para se ver, e não para se ouvir. De modo contrastante, no mundo religioso, a fonte suprema de verdade é a divindade, que é invisível, mas pode entrar em contato conosco mediante a palavra. Então, atingimos a verdade mediante o ouvir, por meio da audição.<sup>17</sup>

A surdez atinge Beethoven por volta de 1798, quando o compositor contava menos de 30 anos de idade. Desesperado inicialmente, Beethoven triunfa sobre a crise, fazendo da surdez um motivo de elevação espiritual. Isso é flagrante na *Sinfonia Heróica*, de 1803, “verdadeiro poema sonoro na transcendência da sua significação humana”<sup>18</sup>. No *Hino à alegria* da *Nona Sinfonia*, Beethoven alcança o absoluto, “essa fé inquebrável no sobre-humano”<sup>19</sup>.

<sup>8</sup>Todas as referências em Pierre Chantraine. Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots, op. cit., v. II, pp. 1147 e 1148. Ver também Pierre Henri. Les aveugles et la société. Psychologie sociale de la cécité, Paris, P.U.F., 1958, p. 7 sq.

<sup>9</sup>De sensibus, I, 437a.

<sup>10</sup>Cf. Edgar De Bruyne. Historia de la Estética, op. cit., v. I, pp. 156 e 160.

<sup>11</sup>Cf. Pol., 1340 a.

<sup>12</sup>O olho, crê Teofrasto, permite apenas o conhecimento da exterioridade humana. Possivelmente essa é a origem da tese, comum na Antiguidade, segundo a qual a música teria proeminência sobre as artes visuais (cf. Edgar De Bruyne. Historia de la Estética, op. cit., v. I, p. 156).

<sup>13</sup>The story of my life, New York, Dover Publications, 1996, p. 9.

<sup>14</sup>Ver, por exemplo, Aristóteles. Met., I, 980a. Ver também De anima, III, 3, 429a; Santo Agostinho. Confes., X, 35; Bossuet. Traité de la concupiscence. Paris, Fernand Roches, 1930, c. VIII; Heidegger (cf. Sein und Zeit. Tübingen, Max Niemeyer, 1986, p. 36).

<sup>15</sup>The story of my life, op. cit., pp. 60 e 61.

<sup>16</sup>Ver, por exemplo, José Espínola Veiga. O que é ser cego, Rio de Janeiro, José Olympio, 1983, p. XIV.

<sup>17</sup>O homem: quem é ele? (trad. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari), São Paulo, Paulinas, 1980, pp. 66 e 67.

<sup>18</sup>Tomás Borba & Fernando Lopes Graça. Dicionário de Música, Lisboa, Cosmos, 1963, v. I, p. 164.

<sup>19</sup>Laffont-Bompiani. Le nouveau dictionnaire des oeuvres de tout les temps et de tous les pays, Paris, Robert Laffont, 1994, v. VI, p. 6938.

O artista supera a doença através da arte, tornando-se, conforme o parecer de muitos, o maior compositor de todos os tempos. A genialidade de Beethoven foi reconhecida enquanto ele ainda vivia, diferentemente do que podemos dizer de tantos outros artistas geniais. Em contrapartida, Beethoven foi muitas vezes incompreendido e injustiçado. Os traumas familiares já na infância, os fracassos sentimentais, os infortúnios causados pelo sobrinho e assim sucessivamente. Beethoven foi grande e gênio, *apesar da surdez*.

A surdez em Beethoven é dado accidental; poderia não ter ocorrido, e ainda assim é provável que o gênio de Beethoven fosse despertado, tornando-se o compositor dos quartetos e das sinfonias. Fosse a surdez um fator essencial para o despertar do talento, outras pessoas surdas teriam chegado ao mesmo patamar artístico de Beethoven. Mas tal regra não existe: Como também não há regra que estabelece relação de necessidade entre a cegueira e o pensador musical. Se o espanhol Joaquín Rodrigo ficou cego na infância e compôs obras grandiosas como o *Concerto de Aranjuez*, é certo que ele estava capacitado

para fazer o mesmo, ainda que permanecesse vidente por toda a vida. Se Beethoven não ouvia os aplausos que demonstravam ter havido justiça quanto à sua genialidade; se Rodrigo não viu como vemos as cenas do seu belo país, pintadas por ele em formas sonoras; isso apenas contribui para engrandecer esses homens — não a deficiência física por si mesma. Se Ray Charles é um grande músico, e não erra as notas que ataca no piano, seguramente o mesmo aconteceria se ele pudesse ver. Em síntese, esses exemplos demonstram que a perda de um órgão sensorio pode ser atenuada em virtude do uso mais intenso concedido aos órgãos restantes. Mas a surdez e a cegueira seguem sendo enfermidades a serem combatidas. Nas palavras da psicóloga Liesbeth Schrijnemakers, tem-se que é necessário

(...) dar às pessoas portadoras de deficiência uma vida normal como a de todos, na qual suas capacidades podem ser usadas de modo otimizado e suas limitações compensadas da melhor forma possível. Para promover a integração e participação, crianças com deficiência múltipla têm que ser preparadas para a vida.<sup>20</sup>

É bem verdade que a cegueira e a surdez representam um fechamento em relação ao mundo, sendo os olhos e os ouvidos os sentidos superiores, e a sensibilidade o nosso recurso primeiro e fundamental para a percepção da realidade que nos rodeia; nosso

principal acervo de conhecimentos tem origem nos sentidos<sup>21</sup>. Daí o adágio escolástico, amparado em Aristóteles: *nada entra no intelecto sem que tenha passado antes pelos sentidos*. Sobre isso, escreve João Ameal:

A inteligência, cuja função natural é ordenar e compreender, submete o largo das sensações e das imagens a uma série de noções fundamentais. Dos sentidos recebe, sem dúvida, os primeiros elementos, segundo o famoso adágio escolástico: *Nibil est in intellectu (ut cognitum) quod non prius fuerit in sensu*.<sup>22</sup>

Mas a impossibilidade de ver e a de ouvir não constituem barreiras insuperáveis para o conhecimento do mundo e tampouco para a felicidade humana. Em alguns casos, inclusive, a cegueira e a surdez podem ser tidas como aberturas para a descoberta do sentido da vida: foi o que ocorreu com Helen Keller, Elza Dreifuss, Olga Skorokhodova e a tantas outras pessoas cegas e surdas. Pois a felicidade do homem não depende necessariamente do bom funcionamento dos órgãos corpóreos. O fundamental para o homem consiste, isto sim, na descoberta de sentido para a própria existência, como aponta Viktor Frankl<sup>23</sup>. Abrir-se para o sentido da vida é realizável em qualquer circunstância: seja pelo cego que apalpa uma escultura na tentativa de descobrir-lhe as belas formas, seja pelo surdo que acompanha o ritmo da valsa a partir das vibrações que lhe transmite o tato.

<sup>20</sup> "Condições de trabalhos para pessoas com dupla deficiência: visual e intelectual", in Benjamin Constant, ano V, nº 12, junho de 1999, p. 23.

<sup>21</sup> A rigor, o ser humano já nasce com alguns conhecimentos elementares: mamar, chorar e sorrir (cf. Arthur Guyton, *Fisiologia humana* [trad. Charles Alfred Esberard], 6ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1988, p. 168).

<sup>22</sup> São Tomaz de Aquino, *Porto, Tavares Martins, 1947*, p. 231. É fato que o conhecimento vem a nós, originariamente, através dos sentidos. Mas não se detém neles. O material percebido é enviado ao cérebro, onde se dá a sua elaboração intelectual. Nem por isso, a apreensão da beleza pode ser tida como fenômeno puramente intelectual, o que é tão errôneo quanto crer que pertença apenas à órbita sensível.

<sup>23</sup> Cf. "El hombre en busca del sentido", in *El hombre doliente. Fundamentos antropológicos de la psicoterapia* (trad. Diorki), Barcelona, Herder, 1987, pp. 11 a 23.

## Referências Bibliográficas

- AMEAL, João. *São Tomaz de Aquino*, Porto, Tavares Martins, 1947.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. (texto grego, latino e tradução espanhola de Valentín García Yebra), Madrid, Gredos, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Petits Traités d'Histoire Naturelle* (texto grego de tradução francesa de René Mugnier), 2ª ed., Paris, Les Belles Lettres, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Política* (tradução, introdução e notas de Manuela García Valdés), Madrid, Gredos, 1988.
- BARBOSA RAMOS, Maria Inês Batista "Mãos que comunicam", in *Espaço*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, ano IV, nº 7, junho de 1997.
- BORBA, Tomás & LOPES GRAÇA, Fernando. *Dicionário de Música*, Lisboa, Cosmos, 1963.
- BOSSUET, Jacques Bénigne. *Traité de la concupiscence*, Paris, Fernand Roches, 1930.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*, Paris, Klincksieck, 1984.
- DE BRUYNE, Edgar. *Historia de la Estética*, (trad. Armando Suárez), Madrid, B.A.C., 1963.
- DORFLES, Gillo. *O devir das artes* (trad. Baptista Bastos e David de Carvalho), 3ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1988.
- ERNOU, Alfred & MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, 3ª ed., Paris, C. Klincksieck, 1951.
- FRANKL, Viktor. "El hombre en busca del sentido", in *El hombre doliente. Fundamentos antropológicos de la psicoterapia* (trad. Diorki), Barcelona, Herder, 1987.
- GUYTON, Arthur. *Fisiologia humana* [trad. Charles Alfred Esberard], 6ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1988, p. 168.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*, Tübingen, Max Niemeyer, 1986.
- HENRI, Pierre. *Les aveugles et la société. Psychologie sociale de la cécité*, Paris, P.U.F., 1958.
- KELLER, Helen. *The story of my life*, New York, Dover Publications, 1996.
- LAFFONT, R. & BOMPIANI, V. *Le nouveau dictionnaire des oeuvres de tout les temps et de tous les pays*, Paris, Robert Laffont, 1994.
- MONDIN, Battista. *O homem: quem é ele?* (trad. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari), São Paulo, Paulinas, 1980.
- OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de. "Arte e visualidade: a questão da cegueira", in *Benjamin Constant*, ano IV, nº 10, Rio de Janeiro, setembro de 1998.
- \_\_\_\_\_. "Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência", in *Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, ano 4º, nº 11, março de 1999.
- PLATÃO. *Premier Hipptas* (trad. Dacier et Grou), Paris, Charpentier, 1869.
- ROCHA, Solange. "A escolarização de pessoas surdas", in *Espaço*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, ano IV, nº 5, 1995/1996.
- SANTO AGOSTINHO. *Confessiones*. (texto latino e tradução espanhola de Angel Custodio Vega), Madrid, B.A.C., 1968.
- SCHRIJNEMAKERS, Liesbeth. "Condições de trabalhos para pessoas com dupla deficiência: visual e intelectual", in *Benjamin Constant*, ano V, nº 12, junho de 1999.
- VEIGA, José Espínola. *O que é ser cego*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.